



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de lançamento da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa

Palácio do Planalto, 18 de outubro de 2006

Eu vou falar, porque vocês estão percebendo que, na banda de cá, tem gente nova que pensa que não vai ficar da nossa idade. É sempre assim, quando as pessoas têm 20 anos, 25 anos, nunca pensam que vão ficar com 60. Tudo é maravilhoso. A molecada cai, quebra o braço, sara por conta própria, quebra a cabeça, sara por conta própria. Nós, que já vivemos muito para criá-los com saúde, nós temos um pouquinho mais de precaução.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte, meu caro Renan, meu caro Aldo, meus companheiros da 3ª idade, meu caro ministro da Saúde, ministros aqui presentes, que aos poucos o Brasil vai garantindo que as pessoas conquistem a sua cidadania plena. O que é cidadania plena? É a gente olhar para a legislação, a gente olhar para os lados e perceber que tem uma série de coisas que estão funcionando para tomar conta da gente.

O Estatuto do Idoso, por exemplo, ficou muito tempo paralisado e nós aprovamos o Estatuto do Idoso. Alguns nos criticaram porque a gente utilizou uma idade menor, mas o dado concreto é que se o País não cuidar das suas crianças e não cuidar das suas pessoas da 3ª idade, este País não estará cumprindo com a função que tem que cumprir o Estado brasileiro. E para que isso funcione corretamente é importante a gente atentar para o papel do Conselho Nacional de Saúde. Vocês não têm que ter dó nem piedade. Eu quero dizer para vocês que um governante só trabalha com muito mais força se a sociedade estiver no calcanhar dele, alfinetando e cobrando, porque se não for assim, as pessoas pensam que está tudo bem. Quando ninguém reclama, quando ninguém fala, o cidadão vai para a casa dele e fala: “Ah, está tudo



maravilhoso, no meu País está tudo bom, no meu Ministério está tudo bem”. De vez em quando é preciso dar uma cutucada para as pessoas falarem: “Espera aí, nem tudo está bem”.

Nós estamos fazendo algumas coisas que eu considero extremamente importantes: primeiro, nós aprovamos o Estatuto do Idoso, depois nós construímos as farmácias populares, uma parte das farmácias populares é construída pelo governo, que vende 92 tipos de remédios a preços muito mais baratos do que na farmácia normal e, depois, nós fazemos convênios com a rede de farmácias. E eu tenho pedido, Agenor, que cada prefeito pode ter na sua cidade quantas farmácias populares ele quiser. Basta que a farmácia tenha um telefone e um computador para se conectar com o Ministério da Saúde. E aí, as pessoas que têm diabetes e as pessoas que têm problemas de pressão, que é o nosso problema... Todo dia de manhã eu meço a minha pressão, está ficando na hora da gente ficar com medo, a gente está mais próximo de Deus, então, a gente não pode brincar. E eu aconselho vocês a fazerem a mesma coisa, porque esse negócio que eles falam, um nome difícil da saúde, que nós conhecemos simplesmente como derrame, às vezes pega a gente desprevenido, às vezes a gente pensa que está bem e daqui a pouco vai internado, daqui a pouco não fala mais, daqui a pouco não mexe mais nada, daqui a pouco fica entrevado em cima de uma cama. Então, a gente precisa se cuidar.

Esse convênio que nós fizemos com a rede de farmácias nas cidades do Brasil inteiro, já tem quase 2.500 ou 2.600. Uma pessoa vai comprar remédio para hipertensão e para diabetes, são cinco tipos de remédios para cada um desses, são os mais vendidos, é isso? Nove medicamentos e 190 apresentações? Isso nós não entendemos, isso só vocês da área da saúde é que entendem, mas o dado concreto é que as pessoas estão comprando esses remédios a 10% do valor do preço normal da farmácia.



Eu sempre dou o seguinte exemplo: o Waldir Pires um dia estava aqui, hoje ele não está, ele disse que gastava 47 ou 67 reais por mês comprando remédio para hipertensão, porque ele já está com 80 anos de idade, parece que não tem, mas já está com 80 anos de idade. E ele, que gastava 60 e poucos reais, vai gastar agora apenas 6 e pouco por mês. O remédio para diabetes, uma pessoa que comprava insulina todo santo dia e gastava por volta de 130 reais por mês, agora pode gastar 13 reais por mês. Se é uma pessoa que ganhava um salário mínimo, ela vai economizar, no preço do remédio, um terço do salário mínimo, um terço por mês. Com doze meses dá até para fazer uma viagem de férias para algum lugar, não é isso? As pessoas, agora, quando vão ficando mais idosas, vão aprendendo a viajar, a fazer aquilo que não faziam quando tinham que tomar conta das crianças. Então, essa é uma medida extraordinária, eu acho, para ajudar as pessoas da terceira idade e outras pessoas até mais novas que têm esse problema de doença.

E essa caderneta, que não pôde nem ser mostrada aqui, só depois que terminar o processo eleitoral, é um prontuário de vocês. Ou seja, vai estar lá o nome, o sangue, a última visita ao médico, o último remédio que vocês tomaram, a última vacina que vocês tomaram. Aí, quando vocês estiverem precisando, em qualquer lugar, não precisam falar: “ah, mas eu só posso ir no doutor fulano de tal”. Não, podem ir no doutor fulano de tal, que ele vai ler ali, na caderneta de vocês, e vai saber exatamente qual foi o resultado da última consulta, qual foi o último remédio, a última injeção, a última vacina que vocês tomaram.

E hoje, Agenor, que é o Dia do Médico, sabia que hoje é o Dia do Médico? Eu quero dar a eles os parabéns, dar os parabéns aos companheiros do Ministério da Saúde, dar os parabéns a todos os companheiros conselheiros da Saúde neste País, que têm prestado um trabalho excepcional – a partir de vocês surgiu Conselho para tudo quando é coisa neste País, e é extremamente importante – e, sobretudo, dar os parabéns às pessoas que, como eu, já estão



chegando à terceira idade ou já chegaram à terceira idade. Porque, finalmente, o Estado brasileiro está devolvendo para a gente aquilo que nós demos de trabalho e de educação aos nossos filhos.

Por isso, muito obrigado e parabéns a todos vocês!